



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

DIZERES DAS CRIANÇAS SOBRE A ATUAÇÃO DE SUAS EDUCADORAS: “O QUE A TIA FAZ NA CRECHE? – FICA NA SALA”

JEANE COSTA AMARAL

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os dizeres das crianças a respeito da atuação de suas educadoras. Os dados apresentados fazem parte de uma investigação maior desenvolvida entre 2013-2015, em uma creche pública de Aracaju- SE que ouviu o que as crianças de três a quatro anos tinham a dizer a respeito do cuidar/educar na creche nas práticas educativas das suas educadoras. Efetivamente passamos 08 meses frequentando a creche pesquisada e neste período ouvimos 25 crianças entre três e quatro anos. Entre os resultados da pesquisa constatamos que as crianças reconhecem as diferenças de atuação profissional de suas educadoras, apontam os fazeres mais voltados para a questão dos cuidados e na perspectiva das mesmas, as práticas de cuidar/educar são circunscritas por atos de disciplinamento ou castigos, distantes das propostas preconizadas pelos documentos legais voltados para a educação da primeira infância.

Palavras-chave: Criança, Creche, Práticas de cuidar/educar na creche.

Abstract: This work aims to present the words of children about the performance of their teachers. The data presented are for further investigation developed between 2013-2015 in a public daycare Aracaju- IF you heard what the children three to four years had to say about the care / education in the nursery in their educational practices educators. Effectively spent 08 months attending daycare searched and in this period we heard 25 children between three and four years. Among the survey results found that children recognize the differences of professional performance of their teachers, the point doings more focused on the issue of care and the perspective of the same, the practices of care / education are circumscribed by acts of discipline or punishment, far from the proposals advocated by legal documents aimed at early childhood education.

Key words: Child, Nursery, Practices care / education in the nursery.

O professor da Educação Infantil, dentro das suas especificidades, precisa ser dinâmico, pois as demandas, principalmente dentro de uma creche, requerem um tempo maior de dedicação e organização das práticas de cuidado/educação dispensadas às crianças, explica Kramer (2006).

Na opinião da autora supracitada, em se tratando da especificidade do cuidar/educar na creche, é necessário afirmarmos que o cuidar deve estar presente em todas as práticas educativas, independente de qual modalidade de ensino estejamos falando. Mas, no caso da creche em específico, essa ação não pode ser substituída por outras didáticas.

Dessa maneira, se faz necessário, ao professor de Educação Infantil, um conhecimento sobre o que são práticas de cuidados/educação em uma creche, em detrimento das concepções historicamente apregoadas para os profissionais deste segmento educativo.

Existem duas construções dominantes desse profissional da primeira infância: como substituto da mãe, um técnico de

nível inferior para executar os processos de cuidar; e outro de tecnólogo prescrito, que teria a função de educar. Nestas duas correntes, há o esvaziamento do espaço para as reflexões sobre a prática, o que dificulta a profissionalidade docente (MOSS apud MACHADO, 2011, p. 241).

Como um profissional da área da infância, o professor, antes visto apenas como mais um cuidador da criança na creche, vem assumindo um papel de fundamental importância na mediação do desenvolvimento humano, na construção do conhecimento e nas relações interpessoais da criança (KUHLMANN Jr, 2010). Enfim, esse profissional precisa desempenhar papéis diferentes no contexto da instituição, ou programas para infância, a fim de atender de maneira reflexiva às exigências dessa nova forma de pensar a(s) infância(s) e a educação de crianças em contextos coletivos. Ressaltamos que a visão dos professores de creche precisa estar voltada e envolvida não só numa postura afetiva, mas, também, em atitudes reflexivas, investigativas, intencionalmente planejadas, tendo a criança como centro do processo educativo (BRASIL, 2009). E, como afirma Moss (apud MACHADO, 2011, p. 246-247):

Temos que pensar de modo diferente, construindo o trabalhador para a primeira infância como um profissional que reflete sobre sua prática, um pesquisador, um co-construtor do conhecimento, tanto do conhecimento das crianças como dele próprio, sustentando as relações e a cultura da criança, criando ambientes e situações desafiadoras, questionando constantemente suas próprias imagens de criança e seu entendimento de aprendizagem infantil e outras atividades, apoiando a aprendizagem de cada criança, mas também aprendendo com ela.

A intenção é que o(a) professor(a) de creche conceba a criança como agente ativo de seu desenvolvimento, ajudando-a a construir sua autonomia, fazendo valer seus direitos, mediados pelos adultos profissionais, no sentido de criar condições, possibilidades concretas para o seu desenvolvimento pleno e integrado (BRASIL, 2009). Entretanto, para que o professor de creche saia do total abismo da falta de formação é necessário que se efetivem políticas públicas já prescritas voltadas para este fim, ou amplie-se a discussão neste sentido (ROSEMBERG e CAMPOS, 1994; OLIVEIRA, 1996; UNESCO, 2005; VASCONCELLOS, 2005; VASCONCELLOS E SARMENTO; 2007; CORSINO, 2009).

Tais inquietações nos remetem à questão da “profissionalidade docente”¹, especificamente no âmbito da creche. Nesse preceito, a creche se constitui como um campo ainda repleto de contradições, no qual a profissionalidade dos professores que atuam nesta modalidade educacional não vem acompanhando efetivamente os avanços nos estudos voltados para a escuta das crianças e a ruptura da ideia adultocêntrica presente na condução das práticas de cuidar/educar as crianças pequenas em ambiente educativo (CRUZ, 2008; RAMOS, 2012).

Para sistematização das respostas das crianças, organizamos alguns quadros com as expressões mais ditas e que representam o escopo das sessões de conversas com as mesmas, as quais foram organizadas pela pesquisadora a partir de uma visão interpretativa (GRAUE e WALSH, 2003). Participaram da sessão de conversas 25 crianças entre três e quatro anos de uma creche pública do município de Aracaju. As sessões de recolha de informações com as crianças foram submetidas a microanálises, descritas em relatos e episódios interativos que serão apresentadas neste texto em duas categorias de análise: a) relatos das crianças sobre a atuação profissional de suas educadoras; b) disciplinamento presentes nas práticas de cuidar/educar na creche.

Ouvir as crianças possibilitou também a identificação de várias contradições, bem como o distanciamento entre o que é estabelecido pelos documentos legais em relação ao direito das crianças em creche e o que efetivamente acontece no cotidiano da instituição estudada em relação às práticas de cuidar/educar na creche, conforme apresentaremos.

1. O QUE AS TIAS FAZEM NA CRECHE: “FICA NA SALA”.

Identificamos que as expressões mais ditas pelas crianças a respeito da questão *O que as tias fazem na creche?* foram aquelas relacionadas diretamente ao “Cuidar” de cunho assistencialista. Em primeiro, aparecem as correlacionadas ao *dormir* (41); e depois ao *comer* (37); em terceiro lugar, as expressões a respeito do *disciplinamento* (34); em quarto, ao *brincar* (24); e na sequência, as relacionadas à *escolarização na creche* (13) e a *higiene* (11). Ressaltamos que os dados que foram organizados em quadros serão apresentados a seguir. Ainda organizamos outro quadro com outras expressões ditas pelas crianças sobre o que a *tia* faz na creche que não foi possível sistematizar em um único tema e que também será discutido ao final desta seção.

Tais constatações expressam o que acontece no cotidiano da creche pesquisada, no qual observamos que 70% da rotina está voltada para as questões do “Cuidar”. A ênfase no dormir e no comer, explicitado nos quadros abaixo, demonstram a forte demarcação de uma prática ainda assistencialista, na qual a associação das funções das educadoras naquele espaço está aliada, na opinião das crianças, a estes fazeres. *Tia* é para “*botar pra dormir*” e para “*dar comida*”. Essas expressões indicam ainda o que pensam as crianças sobre o papel dos seus educadores em um

primeiro momento, é o que mais ressaí, é o que aparece com maior evidência na fala das crianças.

O QUE A TIA FAZ NA CRECHE?

Quadro 1 – Expressões relacionadas ao Dormir

Expressões relacionadas ao Dormir	
Bota pra dormir	22
Balançar a gente	5
Dá coberta pra gente	2
Colocar pra dormir	2
Balança o coleguinha	1
Balança a menina	1
Faz dormir	1
Dá pra dormir	1
Balança para dormir	1
Fazem uma cama pra dormir	1
Bota o colchão	1
Arruma o colchão	1
Deitar	1
Manda dormir, quando eu não quero dormir, ela manda dormir	1
Total	41

Fonte: Elaborado com base nas anotações da pesquisadora.

O QUE A TIA FAZ NA CRECHE?

Quadro 2 – Expressões relacionadas ao Comer

Expressões relacionadas ao Comer	
Comer	6
Dá Comida	5
Faz comida	4
Coloca pra comer	3
Faz comida lá em cima	3
Faz gogó (Mingau)	2
Sobe para colocar o lanche	1
Só comer	1
Manda lá pra cima pra almoçar	1
Pega a comida e come	1
Dá café, dá danone, dá pão, dá lanche	1
Dá biscoito	1
Dá lanche, dá maça, dá tangerina, só isso	1
Suco	1
Coloca pra lanchar	1
Dá o lanche a gente	1
Coloca comida pra eu e pra colega	1
Coloca comida pra gente	1
Bota comer	1
Bota gogó (Mingau) pra gente	1
Total	37

Fonte: Elaborado com base nas anotações da pesquisadora.

O QUE A TIA FAZ NA CRECHE?

Quadro 3 – Expressões relacionadas à Higiene

Expressões relacionadas à Higiene	
Tomar banho	2
Coloca pra tomar banho	2
Dá banho	2
Vai tomar banho	1
Veste a roupa	1
Enxugar	1
Dá banho e seca nós	1
Pega as toalhas	1
Total	11

Fonte: Elaborado com base nas anotações da pesquisadora.

Analisando os dados apresentados em relação ao *Dormir na creche*, podemos perceber nas falas das crianças como esses fazeres das educadoras por vezes podem ser usados como estratégias de disciplinamento, perspectiva que discutiremos posteriormente.

Uma das crianças revela: “*Manda dormir, quando eu não quero dormir, ela manda dormir*”. Essa constatação pode ser feita nas observações participantes, nas quais percebemos que, no momento do sono, todas as crianças, exceto aquelas que voltavam para suas residências no turno vespertino, tinham que se deitar e dormir após o almoço. Consideramos importante o momento do descanso da creche, ela faz parte da rotina, mas este não pode ser realizado de maneira tão impositiva como constatamos!

Outro dado também percebido refere-se à constância da palavra “*balança*” referindo-se à atuação da educadora na hora de colocar a criança para dormir. Em muitos relatos, as crianças apontam o referido verbo de maneira bastante enfática, inclusive, imitando os gestos dos adultos, como pudemos observar nas videograções. O relato abaixo demonstra nosso argumento:

Relato 01: E essa balança muito, muito, muito...

Pesquisadora: – *Quer falar mais alguma coisa das tias?*

Raquele: – *É tia Luciana e tia Carol... todas tias. E essa balança muito, muito, muito...* (Falando de tia Luciana). *Quando eu chorava muito no canto...*

(Fonte: Trecho do Vídeo 8 - Raquele (3 anos e 9 meses) / Arquivo: E essa balança muito, muito, muito... Data da coleta: 04/09/13).

Duas outras falas das crianças merecem nossa atenção em relação à questão do dormir na creche. Em outra sessão de conversa, ao responder à questão *O que as tias não deveriam fazer aqui na creche?*, Raquele (3 anos e 11 meses) diz: “*...ela não gosta de dormir, quando ela tá com sono ela vai para o colchão...*”, e ainda Nayanny (4 anos e 2 meses) responde: “*Tia Carol durma, tia durma, Tia Elaine fica acordada*”.

Os relatos revelam que as educadoras costumam dormir junto com as crianças, o que também pudemos constatar nas observações participantes, e parece que demonstram, também, a preocupação das crianças para que isto não aconteça, pois elas apontaram nesta sessão de conversa o que as tias não deveriam fazer na creche.

O adulto profissional como alguém protetor também aparece quando Alana (03 anos e 05 meses) responde sobre o que *a tia faz na creche?*. Ela diz: “*Fica na sala.*” Novamente, nos deparamos com a construção por parte das crianças a respeito da atuação das educadoras de maneira assistencialista. Possivelmente, esta criança nos dá indicadores de que a educadora é aquela que as guarda, que fica na sala, demonstrando uma ausência de movimento, de interatividade, falta planejamento das ações pedagógicas, envolvimento e disposição em estar com as crianças. Isso fica confirmado em várias situações videogravadas, nas quais as educadoras permanecem longos momentos sentadas, predominantemente observando as crianças num canto da sala.

Faz-se necessária, portanto, uma formação consistente a este educador que poderá contribuir para o desenvolvimento da criança e na construção da autonomia profissional docente.

2. “ESSA VAI EMBORA” – DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS

PAPÉIS DESEMPENHADOS PELAS EDUCADORAS NA CRECHE

Neste subtópico pretendemos apresentar os dizeres das crianças acerca dos diferentes papéis desempenhados pelas suas educadoras. Os adultos profissionais exerciam funções muito demarcadas, com diferenciações de horários, nomenclaturas e formação profissional. No grupo tínhamos uma Professora com Formação em Nível Superior em Pedagogia, uma Educadora com Ensino médio e três cuidadoras, uma com nível fundamental incompleto e duas estudantes em nível superior.

As falas das crianças revelaram que elas percebem a diferenciação das práticas desenvolvidas pelos adultos profissionais, identificando fazeres específicos de cada profissional. Não foi possível perceber o que as crianças entendem sobre o fazer pedagógico, mas quando perguntadas sobre qual *a tia que faz mais coisas para as crianças na creche*, as crianças apontaram a professora com formação como a que mais “trabalha”, ou seja, aquela que realiza mais atividades na creche. Das 25 crianças que responderam esta questão nas sessões de conversa, onze crianças disseram que é a professora, seis disseram ser a educadora, quatro crianças disseram ser a cuidadora 1, nenhuma criança apontou as cuidadoras 2 e 3 e três crianças não souberam responder.

Percebe-se, assim, que a maioria das crianças reconhece o fazer cotidiano direcionado a elas, praticado pela professora, como algo significativo. Esse dado é relevante se considerarmos que a professora passa menos tempo com as crianças efetivamente, com uma carga horária de 04h em detrimento às outras profissionais, cuidadoras com 06h e Educadora com 08h; e ainda assim ela é apontada como a que “faz mais coisas”, segundo a opinião das crianças.

É pertinente salientar, portanto, a importância para as crianças de um trabalho pedagógico, direcionado e intencional, que vise não apenas o atendimento às suas necessidades básicas, tais como comer, dormir, higienizar. Mesmo tais ações necessitam de uma intencionalidade pedagógica, no sentido de entendê-las como práticas que fazem parte da função do professor de Educação Infantil, não apenas com o sentido do cuidar restrito, mas ampliando para uma concepção maior deste cuidar com cunho educativo (KRAMER, 2006; RAMOS, 2012).

Nos relatos das crianças sobre o que a professora faz, encontramos respostas diferenciadas a respeito das educadoras e cuidadoras, com expressões do tipo “*ela é a tia mãe*”, “*essa vai embora*”, “*vai pra casa*”, “*ela faz bolinha de sabão*”, “*faz coisa de escola*”, “*dá dever*”, “*brincar*”. Podemos correlacionar estas respostas à postura da professora junto às crianças, possibilitando a elas o acesso a algumas atividades direcionadas, mesmo que não organizadas sistematicamente e cotidianamente.

Apresentaremos abaixo dois relatos nos quais as crianças identificam com clareza a diferenciação dos fazeres das educadoras. Quando em dupla, entram em contradição, mas o importante é perceber que elas conseguem distinguir as práticas desenvolvidas por cada educadora, o que implica o nosso olhar mais atento às concepções das crianças.

Relato 02: – A tia bota...

Pesquisadora: – *A tia bota pra dormir?*

Nayanny: – *Não.*

Pesquisadora: – *Que mais que a tia faz?*

Nayanny: – *Bota pra dormir. Tia Carol bota.*

Pesquisadora: – *E Luciana faz o que?*

Nayanny: – *Tia Nazia bota.*

Pesquisadora: – *Tia Nazia bota e quem mais bota.*

Nayanny: – *Tia Rita.*

Pesquisadora: – *Tia Rita bota pra dormir?*

Nayanny: – *Bota... Tia Carol.*

Pesquisadora: – *E tia Luciana?*

Nayanny: – *Tia Luciana. Essa deixa sair dois...*

Pesquisadora: – *E quem dá banho?*

Nayanny: – *Ham? Tia...*

Pesquisadora: – *Tia Rita? (Apontou para a foto de Nazia, a educadora do grupo.)*

Pesquisadora: – *E quem faz a atividade?*

Nayanny: – *Eu.*

Pesquisadora: – *E quem ajuda fazer a atividade?*

Nayanny: – *Eu? Tia Rita!*

(Fonte: Trecho do Vídeo 13 – Nayanny (3 anos e 11 meses) / Arquivo: As tias trabalham lá no centro.../ Data de coleta: 04/09/2013)

Relato 03: Contradições

Pesquisadora: – *E nessa creche tinha mais outra tia, essa era Tia, deixa eu mostrar...*

Samuel: – *Rita!*

Alisson: – *Rita!* (Referindo-se a professora do grupo.)

Pesquisadora: – *E o que tia Rita fazia?*

Alisson: – *Coloca pra dormir, coloca ele pra assistir, coloca pra brincar.*

Samuel: – *Não, ela num coloca pra dormir.*

Alisson: – *Coloca sim.*

Pesquisadora: – *Tia Rita coloca pra dormir?*

Samuel: – *Não.*

Alisson: – *Coloca sim!*

Pesquisadora: – *Coloca ou não coloca?*

Alisson: – *Coloca.*

Samuel: – *Coloca não.*

Alisson: – *Coloca, sim.*

Pesquisadora: – *E o que ela faz, Samuel?* (Alisson respondeu)

Alisson: – *Coloca pra comer.*

Samuel: – *Assistir.*

Alisson: – *Atistir e tomar banho.*

Samuel: – *Brincar.*

Alisson: – *E brincar.*

Pesquisadora: – *E ela faz mais alguma coisa Samuel, Tia Rita?*

Samuel: – *Esqueci.*

(Fonte: Trecho do Vídeo 26 – Alisson (4 anos), Leidiane (4 anos e 2 meses) e Samuel (3 anos e 9 meses) / Arquivo: Contando História da Creche - Era uma vez 01... / Data de coleta: 06-06-13).

Os relatos demonstram como as crianças conseguem identificar os fazeres de cada educadora, delimitando as ações, e indicando até as especificidades de cada uma. Isso fica demonstrado quando Nayanny (3 anos e 11 meses), por exemplo, diz: “*Tia Luciana, ela deixa sair dois...*”, podemos perceber que, além de identificar a função desempenhada por cada adulto profissional, a criança também o caracteriza por suas ações.

Neste sentido, é importante reafirmar a necessidade de investimento na formação dos adultos profissionais que trabalham na creche, atentando para uma postura mais ética, um comprometimento com o seu fazer pedagógico, com o desenvolvimento de suas práticas e ações, pois estas se refletirão na concepção que as crianças estão construindo sobre o que é ser professor.

Oliveira-Formosinho (2011) amplia nosso argumento quando comenta que o desenvolvimento profissional das professoras de creche é uma caminhada que envolve ser, sentir e agir. Requer empenho e envolve crescimento, como o da criança, com a criança; sustenta-se na integração com os outros agentes responsáveis pela educação das crianças (pais e mães, com outros adultos profissionais, tais como psicólogos e assistentes sociais, com dirigentes comunitários, com autoridades locais, com voluntários) e com o conhecimento e a paixão. Nas palavras da autora: “Cultivar as disposições para ser, saber, sentir e agir, em contexto é um desafio que requer processos de sustentação, colaboração, pois não se faz no isolamento” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2011, p. 139).

Baseados nos comentários da autora supracitada, podemos supor que tal integração também dispõe uma abertura para um trabalho coletivo, no qual as divisões hierárquicas dentro do espaço da creche não possam ser empecilho para o desenvolvimento das práticas de cuidar/educar de maneira articulada.

3. “ELA BATE NA MESA PARA QUEBRAR E ELA COMPRAR OUTRO...” O DISCIPLINAMENTO NA CRECHE

DESVELADO NAS FALAS DAS CRIANÇAS

Este subtópico tratará do disciplinamento apresentado nas falas das crianças com relação às práticas de cuidar/educar na creche. Inferimos que a ausência de uma organização pedagógica intencional que vise à construção da autonomia das crianças, aliada à falta de formação da maioria das educadoras, possivelmente contribuem para que as ações coercitivas se apresentem tão fortemente na atuação das educadoras do grupo pesquisado.

Convém explicitar o entendimento sobre disciplinamento que elegemos como balizador de nossas análises. Partimos do conceito de disciplina para chegarmos ao disciplinamento. Nesse sentido, pesquisando o verbo *disciplinar*, encontramos como sinônimos sujeitar(-se) ou submeter(-se) à disciplina, castigar(-se) com disciplinas: uma vertente de entendimento que remete a expressão ao ato de disciplinar os indivíduos com o intuito de amoldá-los, subordiná-los, doutriná-los ao já estabelecido.

Tais termos coadunam com os achados da pesquisa, os quais demonstraram como as educadoras utilizaram ações coercitivas no intuito de disciplinar as crianças. Para tal argumento, nos apoiamos na concepção discutida por Charlot (2012), quando este questiona se o disciplinamento excessivo por parte das educadoras não mascara uma falta de legitimidade do espaço educativo na *relação com o saber*.

Essa falta de legitimidade dos espaços educativos, como explica Charlot (2012), implica que para os educandos aprenderem e significarem os saberes prescritos precisam relacioná-los aos seus desejos, às suas vontades e às suas necessidades. Não há essa relação, não há saber legitimado, há imposições e regras que não são devidamente cumpridas o que pode levar a indisciplina dos educandos, explica o autor.

De acordo com tal pressuposto, a falta de legitimidade demonstrada pelas crianças, se materializava frente ao disciplinamento imposto pelas suas educadoras através de *transgressões* apresentadas em diversos momentos frente ao instituído pelo adulto.

Paula (2007), em sua pesquisa intitulada *Deu, já brincamos demais! As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina*, conceitua as *transgressões* da criança no ambiente da creche frente ao disciplinamento instituído como “um modo de experimentar e de agir que se diferencia do que está posto na ordem microsossial dos espaços da educação infantil. Ao buscar, então, perceber e interpretar este mundo, a criança deflagra uma nova ordem” (Paula, 2007, p. 46)

A referida autora ressalta que a transgressão dentro do ambiente da creche não pode ser entendida como algo pejorativo, que se remete apenas ao sentido restrito da *subvenção*. Investigar as ações das crianças que se configuram como transgressão vem da convicção de que é possível romper conceitualmente as pressuposições negativas que traz a expressão.

Ampliando o argumento defendido, Paula (2007 p. 47) ainda afirma que a transgressão

[...] não é apenas oposição aos adultos, mas a expressão dos desejos, dos sentimentos e dos conhecimentos das crianças que extrapola a espontaneidade de uma mera ação. As crianças não querem apenas incorporar os valores do mundo adulto, a construção de sua capacidade de inconformismo e indignação diante das situações que lhes são apresentadas ainda não lhes foi roubada, portanto, sua participação não é uma apropriação passiva, mas uma reconstrução por meio da qual procura dar sentido a um sistema de regras, reconstrução esta que, muitas vezes, foge ao controle e entendimento dos adultos.

Tal entendimento foi constatado na presente pesquisa, na qual os dados mostram o disciplinamento como um ato impositivo, no sentido de conter as transgressões das crianças. Entretanto, os achados do presente estudo também comprovam a capacidade de resistência e ajustes das crianças diante do estabelecido pelos adultos já apresentada por outras pesquisas (PAULA, 2010).

As expressões relacionadas ao disciplinamento nas práticas de cuidar/educar na creche aparecem entre as mais ditas pelas crianças, em terceiro lugar, ficando apenas atrás das práticas ligadas ao dormir e ao comer (ver quadros 1 e 2). As crianças expressam com veemência tais práticas, imitando gestos e palavras ditas pelas educadoras, revelando um cenário onde a cultura adultocêntrica se faz presente nas conduções dos adultos profissionais frente à educação das crianças pequenas. Chamou a nossa atenção o uso da palavra bater, utilizada por muitas crianças nas sessões de conversas a respeito *do que a tia faz na creche*; e só foi possível entender porque tal verbo aparece tantas vezes a partir das correlações que fizemos com as observações participantes. Vejamos as expressões das crianças relacionadas ao disciplinamento no quadro a seguir:

O QUE A TIA FAZ NA CRECHE?

Quadro 4 – Expressões relacionadas ao disciplinamento

Expressões relacionadas ao disciplinamento	
Bota de castigo	12
Bate	8
Bate com o chinelo	2
Bate na mesa	2
Manda sentar	2
Me bate	1
Ela quer bater na peça, na mesa dela	1
Grita	1
Xinga	1
Manda sentar na mesa	1
Vai chamar a minha mãe para ela vim	1
Senta, senta, senta!	1
Pra sala de Tia Marinalva (Diretora)	1
Total	34

Fonte: Elaborado com base nas anotações da pesquisadora.

Salientamos que tais respostas podem estar relacionadas às ações coercitivas e disciplinadoras com objetos (tais como chinela, bater na mesa, bater na porta, etc.) utilizados pelas educadoras.

Idem.

Como observamos, o verbo “bater” aparece predominantemente (11 vezes) nas falas das crianças. Pudemos constatar que ele está diretamente ligado às ações coercitivas e disciplinadoras utilizadas pelas educadoras para manter as crianças obedientes aos comandos direcionadas às mesmas. Entretanto, tais práticas parecem não fazer sentido para algumas crianças, como revela o relato abaixo:

Relato 04: Ela bate na mesa para quebrar e ela comprar outro...

Pesquisadora: – *Que a tias fazem aqui na creche? Essa daqui faz o que?*

Ana Beatriz: – *Coloca pra dormir...*

Pesquisadora: – *Bota pra dormir. Hum... Certo. O que essa faz mais?* (Foto de Luciana.)

Ana Beatriz: – *Bate.*

Pesquisadora: (SUSTO!)

Ana Beatriz: – *Essa também!* (Apontando para a foto de Rita.)

Pesquisadora: – *O que ela faz mais?*

Ana Beatriz: – *Bate com o chinelo* (tentou tirar sua sandália para mostrar, mas não conseguiu.)

Pesquisadora: – *É!? E essa aqui?* (Apontando para a foto de Nazia.)

Ana Beatriz: – *Ela bate na mesa.*

Pesquisadora: – *E essa aqui?* (Apontando para a foto de Carol.)

Ana Beatriz: – *Também bate.*

Pesquisadora: – *É?!*

Ana Beatriz: – *Essa também bate na mesa* (Apontando para a foto de Luciana)

Pesquisadora: – *Por que ela bate na mesa?*

Ana Beatriz: – *Porque... Pra quebrar e ela comprar outro... E a mãe dela...* (Fica brincando com as fotografias.)

(Fonte: Trechos do Vídeo 4 -Anne Beatriz - (3 anos e 6meses)/Arquivo: Ela bate na mesa para quebrar e ela comprar outro.../Data de coleta: 06/06/13).

Ana Beatriz, ao apontar a ação da professora de bater na mesa, parece não associá-la a uma ação coercitiva ou disciplinadora. Em sua fala, ela apenas reproduziu oralmente, de maneira criativa, o que costuma ouvir das educadoras quando uma criança bate na mesa, como pudemos notar em vários momentos. Esse relato demonstra que as palavras ditas e repetidas diversas vezes, na constância, perdem o seu significado e não ajudam a disciplinar as crianças para se comportarem como o desejado pelas educadoras. Mas, sim, entendendo a partir da lógica das crianças, servem como

pequenas repreensões que são esquecidas ou ignoradas por não ser entendidas e compreendidas como ilegítimas naquele espaço.

Outra expressão também muito frequente na fala das crianças sobre *O que a tia faz na creche?* é o termo “*Botar de castigo*”; esse parece ser a estratégia mais utilizada para disciplinar e punir as crianças, a fim de moldar os seus comportamentos; é o que podemos inferir dos relatos das crianças, observando abaixo o que nos diz Matheus (3 anos e 9 meses):

Relato 05: Coloca de castigo

Pesquisadora: – *E o que as tias fazem que você não gosta?*

Matheus: – *Coloca de castigo!*

Pesquisadora: – *E o que as tias deveriam fazer? O que as tias devem fazer?*

Matheus: – *Comigo?*

Pesquisadora: – *Sim.*

Matheus: – *Não sei.*

Pesquisadora: – *Não sabe?*

Matheus: – *Bate na mesa.*

Pesquisadora: – *Bateu na mesa.*

Pesquisadora: – *Quem é que bate na mesa?*

Matheus: – *Tia Nazia.*

Pesquisadora: – *E ela bate para quê?*

Matheus: – *Porque não tá sentado.*

(Fonte: Trecho do Vídeo 11 - Matheus (3 anos e 9 meses) / Arquivo: Bater na mesa... para ficar sentado. Data de coleta: 04/09/13)

No caso deste relato, a criança supracitada refere-se ao colocar de castigo como algo que ela não gosta, mas quando perguntada *o que as tias deveriam fazer*, elenca o uso de outra estratégia disciplinadora utilizada pelas suas educadoras, reproduzindo, mesmo demonstrando não gostar, a mesma atitude usada pelos adultos para disciplinar às crianças. Entretanto, outras crianças, nas sessões de conversa, transgridem e apontam as estratégias de disciplinamento como algo bom. Vejamos o relato:

Relato 06: Foi bom!

Pesquisadora: – *E o que as tias fazem que vocês gostam?*

Leidiane: – *Oi, bota de castigo!*

Pesquisadora: – *Tu gostas que elas botem de castigo?*

Leidiane: – *É... Bota de castigo, na sala de tia Cláudia, aí depois vai pegar. Aí a gente abaixa a cabeça. Eu e Alana ficou lá, foi bom!*

Pesquisadora: – *E foi bom?*

Nayanny: – *Eu e Yuri ficou lá, tava bom. Eu e Yuri.*

Pesquisadora: – *E lá é bom por quê?*

Leidiane e Nayanny: – *Porque sim!*

Nayanny: – *Porque sim. Porque mainha deixa!*

Leidiane: – *Nossa mãe deixa a gente ficar aqui!...*

(Fonte: Trecho do Vídeo 20 - Nayanny (3 anos e 11 meses) e Leidiane (4 anos e 1 mês) / Arquivo: As tias botam de castigo na sala de tia Cláudia, mas foi bom lá... Data de coleta: 18/09/13)

Pode-se perceber que ambas as crianças, Nayanny e Leidiane, concordam que o castigo é algo bom. Suponhamos que, para as crianças, esta é uma estratégia para sair da sala da creche por alguns momentos, é algo prazeroso que não se constitui num castigo. Apesar da “tia” Cláudia, uma das coordenadoras da creche, mostrar-se bastante ríspida nas reclamações com as crianças, como pudemos observar algumas vezes. Ir para a sala dela não foi considerado um castigo pelas crianças.

Neste sentido, analisamos que a justificativa que as duas crianças deram para explicarem por que o castigo de ir para sala de tia Cláudia, ou seja, “*Porque mainha deixa!*”, “*Nossa mãe deixa a gente ficar aqui!*” pode demonstrar a legitimidade do espaço da creche para estas crianças, mesmo com castigos ou qualquer outro tipo de eventual disciplinamento utilizado, se os responsáveis deixam que elas fiquem neste espaço, o que acontece nele não pode ser ruim, é bom.

Esse tipo de correlação apresentada pelas crianças nos parece danosa por viabilizar uma construção não

intencional, por meio da qual se supõe que, em nome da proteção e guarda da criança, podemos utilizar qualquer estratégia, mesmo aquelas que por vezes podem apresentar algumas “violências simbólicas”. Essa expressão foi utilizada por Charlot (2012, p.74) para explicitar que o ato de ensinar pode se tornar uma violência simbólica, a qual foi caracterizada pelo autor como “atos e situações em que a própria dignidade e autoestima ficam feridas, apesar de não acontecer violência física.”

As sessões de conversas foram videogravadas e através delas, pudemos constatar, não apenas nos dizeres, mas nas expressões faciais, corporais e nas entonações das vozes das crianças, como este disciplinamento exacerbado provoca, coadunando com Charlot, uma “violência simbólica”.

Paula (2010, p. 91), ao pesquisar as transgressões na creche, também aponta tais “violências simbólicas” ao afirmar que “há uma hierarquia nas relações sociais entre adultos e crianças, expressa no poder do adulto e materializada sob a forma de regras ‘explícitas’ e ‘implícitas’, ainda que sob a égide do respeito ao outro, da proteção às crianças ou da organização do ambiente.”

Numa outra vertente de argumentação, Corsaro (2011) explica que a transmissão dos modos de vida em sociedade é subjetivamente perpassada para as crianças de uma maneira subliminar, e as crianças começam a imitar tais ações, reproduzindo-as e recriando-as. Neste sentido, os adultos profissionais são referências em suas práticas para as crianças na construção de suas concepções sobre o que é ser educador, como tratar uma criança ou como conduzir um grupo a um objetivo. Na opinião do autor, as crianças estão todo o tempo observando as ações e comportamentos do educador, também fazendo seus juízos de valores e comparando-os com as suas experiências em outros contextos fora da creche. As crianças demonstraram nas suas falas tais argumentos como apresentaremos a seguir.

Em sessões de conversa com as crianças, ao serem questionadas, primeiro, a respeito sobre *o que a tia não deveria fazer na creche?* e, posteriormente, sobre *se você fosse tia o que você faria?*, duas respostas nos chamaram atenção. Em ambos os casos, Ana Luíza (03 anos e 08 meses) respondeu: “*Colocar de castigo!*”. Já “Luis Phelipe (04 anos e 02 meses) responde: “*Mandar sentar tudo*”, o que reforça nosso argumento da “reprodução” dos comportamentos dos educadores que ela observa. Por outro lado, temos relatos que ampliam essa concepção e coaduna com as proposições da sociologia da infância quando apontam que as crianças não apenas reproduzem, mas reinterpretam à sua maneira a realidade cultural que observam e com a qual interagem. É o caso da perspectiva de Hevelen (04 anos e 04 meses), demonstrada em seu relato. Vejamos:

Relato 07: – É, maltrata...

Pesquisadora: – *E o que elas fazem que você não gosta?*

Hevelen: – (Ficou pensativa.) *É maltrata...*

Pesquisadora: – *O quê?*

Hevelen: – *Maltrata!*

Pesquisadora: – *Como?*

Hevelen: – *Manda eu pro castigo, manda sentar.*

Pesquisadora: – *Que mais?*

Hevelen: – *É... Manda sentar, manda ficar quieto.*

Pesquisadora: – *Isso é maltratar?*

Hevelen: – *É.*

Pesquisadora: – *E o que você acha que elas deveriam fazer?*

Hevelen: – *Deveria fazer... dar carinho... assim!*

Pesquisadora: – *Como faz aí, como é o carinho?*

Hevelen: – (Passou a mão, alisando a mesa bem devagar.)

Pesquisadora: – *Que falar mais alguma coisa?*

Hevelen: – *Não.*

Pesquisadora: – *Tchau!*

Hevelen – *Tchau!*

(Fonte: Trecho do Vídeo 9 - Hevelen (4 anos e 3 meses) / Arquivo: As tias deviam tratar com carinho assim... Data de coleta: 04/09/13)

Hevelen, diferente de Ana Luíza, nos mostra suas inferências a respeito das práticas de disciplinamento apreoadas pelas educadoras, ou seja, o ato de castigar, classificando-o como um maltrato, além de apresentar outra alternativa para o comportamento dos educadores que seria “*dar carinho*”. Ao explicitar seu modo de compreender os castigos como maltrato, certamente está trazendo outras vivências, percepções e aprendizados oriundos de outros

contextos ou, então, que podem ter sido construídos no próprio grupo da creche com as inter-relações com os adultos profissionais que apresentem uma postura mais afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao focar o olhar e a escuta para apreender os dizeres das crianças sobre as práticas de cuidar/educar propostas pelas suas educadoras fica perceptível que elas são ativas em suas relações sociais e eventos culturais de seu tempo, confirmando a ideia de que as crianças não são apenas depósitos nos quais os adultos despejam seus conhecimentos. Ao contrário, as crianças demonstram que têm significações sobre os eventos do mundo social na qual interagem ativamente.

Os resultados da pesquisa revelaram um cenário controverso na atuação das educadoras de creche, na qual o atendimento educacional às crianças ainda necessita de investimentos, no sentido de garantir o que a legislação preceitua quanto à qualidade das práticas de cuidar/educar, confirmando resultados de outros estudos.

Os resultados indicaram também que as crianças percebem as diferenças na atuação profissional entre as educadoras que lhes dirigem práticas de cuidar/educar cotidianamente na creche, indicando que estas, por muitas vezes, circunscrevem suas ações por meio do disciplinamento, distantes das propostas preconizadas pelos documentos legais voltados para a educação da primeira infância.

Com relação às práticas de cuidar/educar apontadas pelas crianças, quando perguntadas *o que as tias fazem na creche?*, as expressões mais utilizadas foram *“botar pra dormir”* e para *“dá comida”*, o que demonstrou uma forte presença de uma prática voltada para os cuidados.

Tal constatação evidenciada nas falas das crianças pode estar associada à organização e distribuição das atividades entre as educadoras. Neste grupo em específico, só há uma professora com formação e todos os outros adultos profissionais (uma educadora e três cuidadoras) parecem só ter a função realmente de “cuidar”, não proporcionado às crianças nenhuma outra atividade de cunho pedagógicamente intencional e previamente planejado. No turno vespertino, após o sono, as crianças ficam à espera da sopa, geralmente assistindo televisão, e, depois, vão embora para suas casas.

A expressão *“fica na sala”*, utilizada por Alana (3 anos e 5 meses) quando se refere ao que *a tia faz na creche?*, demonstra a pouca representatividade pedagógica conferida às ações das educadoras que possivelmente a criança apresenta. É pertinente tal observação feita por Alana, já que as educadoras muitas vezes ficavam longos períodos apenas observando as crianças, sentadas, “tomando conta” delas. Tal dado indica que as crianças conseguem perceber para além do que é dito e sinaliza a necessidade de um olhar mais atento às concepções e opiniões delas sobre o que se passa em seu entorno social.

Na perspectiva das crianças, os dados a respeito da identidade de atuação profissional dos educadores possibilitaram identificar várias contradições e distanciamento entre o que é estabelecido pelos documentos legais que norteiam a organização, a gestão e o planejamento de ações na creche e o que efetivamente acontece no cotidiano da instituição investigada, apontando para a urgente e inevitável indissociabilidade entre as práticas de cuidar/educar, gestando um trabalho coletivo compartilhado sem as divisões hierárquicas.

Visualizamos, também, a presença marcante de uma cultura adultocêntrica, traduzida nas várias expressões ditas pelas crianças, as quais nos remeteram a dois conceitos durante a produção de dados: disciplinamento e violência simbólica. Nesse sentido, as crianças apontaram a expressão *“Botar de castigo”* como sendo a estratégia mais utilizada para discipliná-las ou puni-las, a fim de moldar os seus comportamentos.

Notamos que as crianças relatavam menos a respeito de disciplinamento nas práticas de cuidar/educar na creche apresentadas por suas educadoras (como colocar de castigo, não dá brinquedo, manda sentar, bater, etc.) em nossas sessões de conversas coletivas, já que, nas sessões de conversas individuais, tais colocações apareceram em maior quantidade.

Tal constatação atribui uma possível violência simbólica sofrida pelas crianças, já que, em grupo, não se sentiam confortáveis para falar sobre os atos disciplinadores. Individualmente, mostraram-se apreensivas muitas vezes ao relatar tais atos, pareciam esperar por momentos oportunos, os olhares se desviavam e a entonação da voz era baixa e, por vezes, não falavam, mas expressavam com o corpo o que queriam dizer, como apontamos nos relatos descritos no texto.

Dessa maneira, referindo-se à questão do disciplinamento da creche, deve-se estar atento para as divergências de olhares que estas ações podem alçar em um espaço de atendimento às crianças pequenas, que estão em frenéticas construções cognitivas, afetivas e sociais, e como a postura dos adultos e relações estabelecidas com os mesmos são importantes para a formação dos conceitos que estão sendo construídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. CNE/CEB. Parecer n. 20/2009. Brasília, DF: 2009.

CHARLOT, Bernard. Pode o ato de ensinar ser considerado uma violência? In: ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra de (Org.). **Escola: faces da violência, faces da paz**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSINO, Patrícia (org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZILIO L. C., KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 51-81.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, M. L. de A. (org.) **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 133-163.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (Org.) **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1996.

PAULA, Eliana de. **Deu, já brincamos demais! As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina?** 2012. 168f. Dissertação (Mestrado em educação) CED/UFSC Florianópolis, SC, 2012.

_____. **As ações das crianças no cotidiano de uma creche: tensão entre transgressão e disciplina**. Visão Global. Joaçaba, v. 13, n. 1, p. 77-96, jan./jun. 2010

RAMOS, Tacyana Karla Gomes; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Os saberes e as falas de bebês e suas educadoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria Malta. **Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1994.

UNESCO. **Políticas para a primeira infância: notas sobre experiências internacionais**. Brasília: UNESCO, 2005.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (Org.) **Educação da infância: história e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manoel (Orgs.). **Infância (in) visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

NOTA

[1] Neste trabalho estamos utilizando o conceito de *profissionalidade docente* das educadoras da infância, conforme é

entendido por Oliveira Formosinho (2011), como sendo a ação profissional integrada que a pessoa da educadora desenvolve junto das crianças e famílias com base nos seus conhecimentos, competências e sentimentos, assumindo a dimensão moral da profissão.

Mestre em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduação em Pedagogia pela UEFS. Integrante do grupo de Estudos e Pesquisa Criança, Infância e Educação / GEPCIE, da Universidade Federal de Sergipe. Email - jeane@uefs.br

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: